

ENSINO DE XIGUBO: UMA VALORIZAÇÃO DA INTERCULTURALIDADE EXISTENTE NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMBINE

Xigubo teaching: an appreciation of interculturality at Cambine High School

GUIDIONE, Dinis Armando¹, & MARIA, Anabela Lima²

Resumo

Decorrente dos processos de Globalização, nos últimos anos, tem-se vindo a colocar cada vez mais a questão do interculturalismo. Sendo esta uma temática complexa, surge-nos como tema o ensino de xigubo na promoção da relação humana e a valorização da interculturalidade, atendendo à importância de que se reveste. Questionamo-nos sobre a diversidade e a forma como esta contribui para o ensino de xigubo, objecto do nosso estudo: *Ensino de Xigubo: uma valorização da interculturalidade existente na Escola Secundária de Cambine*, Distrito de Morrumbene – Moçambique. Centramos a nossa reflexão no ensino de xigubo, partindo do pressuposto de que Moçambique é um país multilingue e multicultural habitado por diferentes grupos etnolinguísticos com maior predominância para os de origem Bantu. A Escola Secundária de Cambine não foge dessa realidade muito mais por se localizar no Centro Educacional de Cambine que desde a sua fundação é um pólo de atracção populacional por motivos estudantis, profissionais e missionários. Esta coabitação de diversos povos, em que cada um carrega os seus usos e costumes, favorece o diálogo entre as culturas presentes; sendo assim, convocamos o conceito de interculturalismo como sendo a interacção entre culturas que interagem de forma recíproca. O desafio, que se lança à Direcção da Escola, é o de adequar o Projecto Político Pedagógico à realidade local e, deste modo, desenvolver estratégias para a valorização das diferenças socioculturais dos grupos humanos, tendo como foco a contribuição do ensino das danças tradicionais, pondo assim em destaque a educação artística, importante na formação dos(as) alunos(as), para melhor interpretarem o mundo e conhecerem as suas tradições. É a observação da realidade de Cambine que nos motiva a escolher a temática desta comunicação com o objectivo de convidar os(as) professores(as) de Educação Física e Educação Visual a aproveitar a coexistência de diversas subculturas e a integrá-las no desenvolvimento dos cursos de curta duração e no processo didáctico, de modo a ligar o global – vivências diversificadas – e as aprendizagens estruturantes com as aprendizagens de contextos informais e não formais que os diferentes estudantes possuem.

¹ DINIS ARMANDO GUIDIONE - Universidade Metodista Unida de Moçambique. MOÇAMBIQUE. E-mail: dinis.armando@gmail.com.

² ANABELA LIMA MARIA - Universidade Metodista Unida de Moçambique. MOÇAMBIQUE. E-mail: aanabelalima@gmail.com.

Abstract

Due to globalization processes, in recent years, the question of interculturalism has been increasingly posed. Since this is a complex theme, we have as our theme the teaching of xigube in the promotion of the human relationship and the appreciation of interculturality, given the importance of this. We question the diversity and how it contributes to the teaching of xigube, object of our study: Xigube teaching: an appreciation of the interculturality existing at Cambine Secondary School, District of Morrumbene - Mozambique. We focus our reflection on the teaching of xigube, assuming that Mozambique is a multilingual and multicultural country inhabited by different ethnolinguistic groups with greater predominance to those of Bantu origin. Cambine Secondary School does not escape this reality much more because it is located in the Cambine Educational Center which since its foundation is a center of population attraction for student, professional and missionary reasons. This cohabitation of diverse peoples, in which each one carries their own customs and customs, favors the dialogue between the present cultures; Therefore, we call the concept of interculturalism as the interaction between cultures that interact in a reciprocal way. The challenge for the School Board is to adapt the Pedagogical Political Project to the local reality and thus develop strategies for valuing the sociocultural differences of human groups, focusing on the contribution of teaching traditional dances, thus highlighting the artistic education, important in the formation of the students, to better interpret the world and to know its traditions. It is the observation of Cambine's reality that motivates us to choose the theme of this communication in order to invite Physical Education and Visual Education teachers to take advantage of the coexistence of various subcultures and to integrate them in the development of short courses and in the didactic process, in order to connect the global - diversified experiences - and the structuring learning with the learning of informal and non formal contexts that the different students have.

Palavras-chave: *Interculturalidade; Ensino de xigubo; Projecto político-pedagógico.*

Key-words: *Interculturality; Xigube teaching; Political-pedagogical project.*

Data de submissão: fevereiro de 2019 | **Data de aceitação:** setembro de 2019.

INTRODUÇÃO

A Escola Secundária de Cambine faz parte das instituições que compõem o Centro Educacional de Cambine, local de encontro de diversos grupos étnicos na maioria dos casos por motivos estudantis e profissionais. Esta realidade arrasta consigo uma grande diversidade cultural pois cada grupo carrega os seus hábitos, crenças, tradições, língua, entre outros traços culturais que dignificam as suas origens. Para a sua comunicação, recorrem à língua portuguesa, por ser a língua adoptada como oficial logo depois da independência nacional. Assim, a língua portuguesa é vista como o elemento unificador.

É notório neste local, a manifestação e diálogo de diversas culturas, ou seja, o interculturalismo como fenómeno enfatiza a interacção entre culturas de forma recíproca, pelo convívio, pelo respeito, pela diversidade e pelo respeito mútuo.

A questão do interculturalidade é correntemente debatida na área da pedagogia e tem sido uma preocupação educacional, estando presente no processo de ensino e aprendizagem; no nosso entender, é na dança que a interculturalidade se manifesta com maior enfoque por ser a expressão artística que constitui uma forte possibilidade de encontro entre alunos(as) de diversas culturas, sendo que, cada um(a) carrega os seus usos e costumes desenvolvendo, desta maneira, processos de relacionamento social, a partir das aprendizagens que foram construindo. É assim necessário que os(as) professores(as) levem tais debates para dentro da sala de aula para criar um ambiente que aceite melhor as diferenças e, assim, despertar reflexões sobre as questões tribais, religiões, racismos, cidadania e outras situações que, por vezes, geram preconceitos entre os(as) alunos(as). Espera-se que, a partir da reflexão, os(as) alunos(as) possam passar para uma etapa de problematização das suas diferenças e de aceitação das diversas culturas.

Na Escola Secundária de Cambine como em qualquer outra Escola Secundária moçambicana a elaboração do Projecto Político Pedagógico [PPP] ainda é guiado pelas directrizes elaboradas superiormente, sem ter em consideração a diversidade, nomeadamente, as danças tradicionais que coabitam no mesmo espaço geográfico e sem atender ao fenómeno da interculturalidade, que favorece o diálogo entre as culturas manifestadas durante a apresentação das danças; daí a nossa motivação para reflectirmos sobre esta temática, uma vez que, pelas diversas circunstâncias histórico-culturais, o conceito da interculturalidade é uma marca da nossa realidade.

Outrossim, ao termos realizado a observação da *praxis* dos professores de História, de Educação Física e de Educação Visual da Escola Secundária de Cambine, através da observação das suas aulas e da análise das suas planificações, verificamos que estes ainda não aproveitam a diversidade cultural vivenciada neste local por forma a promover, nos seus/suas alunos(as), o respeito pela cultura do outro desenvolvendo a reciprocidade cultural, num ambiente de coexistência entre todos. No contexto do ensino e aprendizagem multi e intercultural procuramos questionar a influência de uma cultura maioritária sobre as outras, pensando que, à partida, todas elas contribuem da mesma maneira para a geração de uma nova expressão cultural. Esse será o desafio do docente responsável pela mediação do curso de curta duração – danças tradicionais – e, através do ensino de xigubo, levar os estudantes a respeitar as diversas culturas sem que uma se sobreponha a outras.

Os aspectos acima referenciados motivaram-nos a escolher a temática deste artigo tendo subjacente o objectivo de convidar o professor responsável pelo curso de danças tradicionais, em coordenação com os professores de História, de Educação Física e de Educação Visual, a reflectirem sobre a questão em causa e, desse modo, aproveitarem a coexistência de diversas subculturas, integrando-as no desenvolvimento curricular e no processo didáctico, de uma forma articulada, de modo a ligar as aprendizagens estruturantes e globais com as aprendizagens de contextos informais e não formais que os diferentes estudantes possuem.

Assim, o desafio que lançamos aos responsáveis pela elaboração do PPP é o de adequar o mesmo à realidade local e, deste modo, permitir que no momento de o implementar se desenvolvam estratégias, para a valorização das diferenças socioculturais dos grupos humanos, tendo como pressuposto a contribuição dos estudos interculturais.

1. A VALORIZAÇÃO DA INTERCULTURALIDADE ATRAVÉS DA PRESENÇA DO XIGUBO NO PPP

Entendemos a História como uma ciência da pluridimensionalidade, da multiculturalidade e da diversidade de tempos e de espaços geográficos. A História tem como objecto o ser humano - ou, dito de outra forma, os seres humanos em comunidade – pretende integrar o ‘todo’, a diversidade da vida e das sociedades; Bloch (1996), concebe a história como uma ciência social e humana, explicitando que esta ciência tem

por objecto o ser humano, não na sua individualidade mas na sua interação com o(s) outro(s), focando desse modo a dimensão plural quer em termos da comunicação que os aproxima, quer nas relações que entre eles estabelecem. Deste modo, é o passado histórico que influencia o presente, destacando o ser humano na sua diversidade; indo às raízes percebemos melhor as acções humanas, pois, na verdade, cada ser humano é receptáculo das suas raízes histórico-culturais, o mesmo ocorre com as instituições, e nomeadamente com esta, sobre a qual nos debruçamos neste estudo: a Escola Secundária de Cambine inserida nos diversos contextos ao longo do tempo.

1.1.A Escola Secundária de Cambine – sua contextualização

A Escola Secundária de Cambine situa-se na localidade de Cambine, a uma distância de 12,5Km da Vila Sede de Morrumbene (Fig.1); é concretamente uma instituição de ensino secundário localizada numa zona rural. Desde as suas origens, pensa-se que terá sido a primeira a localizar-se fora das cidades e vilas.

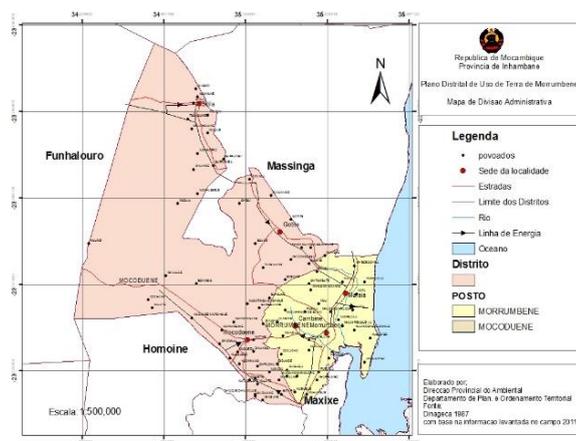


Fig. 1 - Mapa do Distrito de Morrumbene.



Fig. 2 – Vista frontal da Escola Secundaria de Cambine.

No que concerne à organização do espaço geográfico, tal como podemos observar na Fig. 1 a localidade de Cambine é constituída por duas povoações e doze povoados. A povoação de Cambine envolve oito povoados: Cambine, Chiguelane, Bambeluane, Bungane, Buvane, Maimela, Macarringue e Ocuchó; a povoação de Quissico-Grande tem quatro povoados Quissico-Grande, Bobiane, Pagula e Chimpambate. De acordo com os dados de recenseamento de 2018, residem nesta localidade cerca de 14.395 habitantes, dos quais 7.793 são do género feminino e os restantes 6.602 são do género masculino. Desta população, cerca de 85% pratica actividades do sector primário: agricultura, pecuária e pesca, actividades tradicionais. Os restantes dedicam-se a actividades do sector secundário e/ou deslocam-se para as minas de África de Sul. Embora esta região esteja rodeada de muitas escolas, desde o nível primário até ao universitário, apenas um número reduzido dos nativos da povoação de Cambine consegue manter-se na escola até concluir o nível médio, abandono este registado com maior destaque entre o género masculino, por optarem pela prática de agricultura, pesca e pelo trabalho nas minas de África de Sul. A Escola Secundária de Cambine ocupa uma parte das infraestruturas construídas pelo missionário e engenheiro P. W. Keys de nacionalidade americana. De acordo com duas fontes orais, Matimula e Nhantumbo, ouvidas nos dias 21 e 24 de Junho de 2017, o Reverendo P. W. Keys entrou em Moçambique como missionário a convite do Reverendo Dr. H. E. Richards que, a partir do ano de 1890, ao serviço da Igreja Metodista Episcopal, comprou as instalações que pertenciam à Igreja *American Board* tendo em vista a expansão do evangelho e a procura de terras férteis para a agricultura. Como refere Farré (2008, p. 397),

as últimas três décadas do século XIX viram chegar a África muitos missionários cristãos: católicos e protestantes, tanto europeus como americanos. Nessa altura, ao Sul de Moçambique chegaram sobretudo missionários protestantes. Eram americanos ou europeus, que vinham sempre através dos territórios daquilo que é hoje a República da África do Sul. Chegaram a Moçambique com o objectivo de crescerem e de se reproduzirem como igreja, pregando a palavra de Deus, e, uma vez ali, descobriram nas falhas da ocupação portuguesa uma boa oportunidade para a sua expansão.

Destacamos uma outra fonte oral, Wilson, ouvida no dia 26 de Junho de 2017; referiu que o Reverendo P. W. Keys nasceu nos Estados Unidos da América a 06 de Setembro de 1880, chegou a Cambine em 1909 e faleceu em 18 de Setembro de 1942 na localidade de Cambine.

De acordo com as duas fontes, Matimula e Nhantumbo, a história do Metodismo em Moçambique foi iniciada em 1890 em Mongwe - Inhambane por um missionário chamado Erwin H. Richards, proveniente da América do Norte, formado em medicina e também na área pastoral. O engenheiro e Reverendo Richards foi pastor residente em Chicuke e o Reverendo engenheiro Keys era pastor e superintendente dos serviços de agricultura e construção, residindo em Cambine.

Matimula testemunhou que foi o engenheiro e Rev Keys que desenhou a planta da missão de Cambine, tendo dirigido a fundação e construção do Hospital, Barragem, Capela, Marcenaria, Internato, residências entre outras infra-estruturas. Por seu turno, Nhantumbo referiu que foi em 1909 que o Reverendo engenheiro Keys começou com a construção do internato e residências quando o Bispo Joseph Hartizel obteve o financiamento, que procurou na América, para construções em Chicuke e Cambine. Nhantumbo concordando com Matimula mencionou que, em memória do Reverendo engenheiro Keys, no ano de 1953, o missionário e engenheiro alemão Greember construiu uma escola, tendo-lhe dado o nome de Escola Keys – actual Escola Secundária de Cambine. Ao construir um estabelecimento de ensino, a Igreja respondia a uma das suas missões pois a educação é parte integrante da Missão da Igreja Metodista. Por meio dela, a Igreja procura, há mais de um século, oferecer às pessoas e à comunidade o entendimento da vida e da sociedade.

Desde a sua fundação, esta missão empenha-se no sector da educação; daí a criação do Centro Educacional de Cambine. Como forma de acolher os alunos provenientes de locais distantes, construiu-se um internato que, actualmente, se encontra dividido em dois sectores (o masculino e o feminino).

O internato alberga os alunos desta Escola e os da Escola Técnica provenientes de várias regiões do país, num total de 300 alunos – 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino.

A Escola Secundária de Cambine pertence a uma instituição religiosa; daí que seja reconhecida nas diversas regiões, províncias do país, pela sua qualidade de ensino. Como referem Silva (2001) e Helgesson (2002), este reconhecimento deve-se por ser uma das mais antigas instituições que lecciona um nível superior ao primário. O reconhecimento do seu trabalho é expresso por Farré (*idem*, p.475) “o escasso número de pessoas que, na altura da independência, tinham um nível de estudos superior à escola primária estudara

na escola da missão metodista de Cambine, um dos poucos lugares onde a população africana de língua xitshwa podia aceder a estudos secundários”.

Daí a preferência de muitos pais e/ou encarregados de educação em matricular os seus filhos nas instituições de ensino que constituem o Centro Educacional de Cambine; este facto tem criado uma maior interacção sociocultural entre os estudantes que frequentam as diversas instituições, incluindo a própria escola. Salientamos também que os profissionais, que trabalham no Centro, são igualmente provenientes de vários cantos do mundo – equipa internacional. Importa referir que a diversidade, que acabamos de evidenciar, é também enriquecida pela interacção cultural e social que se estabelece com as populações nativas desta região. Face ao exposto, verificamos que estamos perante um local de múltiplas vivências, em que se entrecruzam diversas culturas, criando-se em consequência espaços multi e interculturais que se manifestam de formas diversas.

Esta interacção cultural torna a localidade de Cambine, mais propriamente, a povoação de Cambine, um mosaico cultural onde se destacam as danças tradicionais: Xigubo, Tufo, Macuaela, Marrambeta, Makhara, Xipanhenhe, Xingomane, Timbila, Marionetas, entre outras. Podemos também realçar, neste mosaico intercultural, a diversificada alimentação: matapa, cacana, xiguinha, feijão nhemba, cogumelo, tchota, coco, batata-doce, entre outros produtos alimentícios criados localmente, no âmbito das aproximações culturais, que se foram criando, ao longo do tempo, no Centro Educacional.

No seu PPP 2015-2019, a Escola Secundária de Cambine tem inscrita a preocupação de dar destaque à diversidade cultural e, numa perspectiva histórica, recuperar a(s) cultura(s) tradicionais quer numa perspectiva nacional quer na perspectiva que caracteriza a Escola Secundária de Cambine; as fotos abaixo (Fig. 3 e Fig. 4) revelam a preocupação da Instituição em desenvolver actividades representativas da diversidade da cultura local.



Fig. 3 e Fig. 4 - Diversidade da cultura na dança.

No âmbito do nosso PPP, desenvolvemos actividades que estão em linha com a nossa preocupação de promover o encontro das diversas culturas; remetemos para a Fig. 3 que, por um lado, apresenta os integrantes do desfile da moda moçambicana num cruzamento dos macuas e matsuas e, por outro lado, os dançarinos de xigubo e os respectivos responsáveis depois de uma actuação no Festival Distrital de Xigubo II. O que está subjacente a esta performance é a intenção da organização e reforçar, por um lado, a educação artística, por outro, o conhecimento do ‘outro’ e das tradições de todos e de cada um.

No que concerne à educação artística seria, no ponto de vista de Eça (2010), importante encará-la como essencial. No entanto, “terá, certamente, que passar pela sua reformulação, pelo seu questionamento como área de conhecimento, pela indagação dos seus limites, pela criação de outros paradigmas de arte e de educação artística, e do papel do professor de educação artística” (Eça, 2010, p.136). Ainda, em consonância com a mesma autora, é importante, por um lado, ter em conta a pertinência da intercessão entre o formal, o não formal e o informal e, conseqüentemente, não considerar a educação artística como uma área extracurricular, mas integrá-la de forma efectiva no currículo escolar.

1.2. O conceito de Interculturalidade

Em função do que temos vindo a apresentar, entendemos necessário questionar o conceito de ‘interculturalidade’. Implica a forma de ser e estar que resulta da interacção entre culturas de uma forma recíproca, favorecendo o seu convívio e integração assente numa relação baseada no respeito pela diversidade e no enriquecimento mútuo. Para que isso aconteça, é necessário que cada um(a) supere aquilo que considera como falhas da outra cultura, devido ao relativismo que subjaz em nós como pessoas singulares e que, em simultâneo, defenda não só a coexistência das culturas em pé de igualdade, mas também que se abra a novas formas de *ser e estar* que integrem característica da(s) outra(s) cultura(s). Mais ainda, no que concerne ao interculturalismo, podemos assumir a posição de Candau, Simão e Koff (2006, p.475) que consideram a interculturalidade como:

um enfoque que afecta a educação em todas as suas dimensões, favorecendo uma dinâmica de crítica e autocrítica, valorizando a interação e comunicação recíprocas, entre os diferentes sujeitos e grupos culturais. A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-los.

Assim, os professores de História, de Educação Física, de Educação Visual e o responsável pelo curso de curta duração – danças tradicionais, ao assumirem a sala de aulas como um espaço de dinâmicas interculturais estão em posição de aceitar que a interculturalidade existente nas suas salas de aulas pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem e para o enriquecimento dos estudantes; estão, pois, em situação privilegiada para proporcionar aos/às seus/suas alunos/as o desenvolvimento das seguintes competências recomendadas pelo INDE/MINEC (2007, pp. 22-24):

- Compreender a natureza pluralista da nossa sociedade e do nosso mundo;
- Promover o diálogo entre culturas;
- Compreender a complexidade e riqueza das relações entre diferentes culturas, tanto no plano individual como no comunitário;
- Colaborar na busca de respostas aos problemas mundiais que se colocam nos âmbitos sociais, económicos, políticos e ecológicos;
- Encontrar condutas e atitudes que possam ser assumidas por indivíduos das diferentes culturas.

Na verdade, e tal como defende Prats Cuevas (2016, p.150), “enseñar História equivale a enseñar a pensar”. Daí que ao apre(ender as danças tradicionais que se desenvolveram ao longo da nossa história como povo, o(a) aluno(a) poderá verificar que o mais importante é o diálogo entre as comunidades/os povos de diferentes culturas como um meio de possibilitar o enriquecimento mútuo de todas elas. O interculturalismo remete-nos a um dos pilares defendidos pela educação (*saber conviver* com os outros); remete-nos também para o que Morin (2002, p. 51) aponta como sendo uma das dimensões da educação do futuro; segundo este autor, esta

deverá ser um ensino primeiro universal centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum apodera-se dos humanos onde quer que estejam. Estes devem reconhecer-se na sua humanidade comum, e ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo quanto é humano.

Assim, é necessário que se ensine a conviver num mundo pluralista e se respeite e defenda a humanidade no seu todo. Na linha do que refere Maria (2012), destacamos que é fundamental o aprimorar das competências pessoais e cívicas, contribuindo para a consciencialização da perspectiva individual, mas ao mesmo tempo da perspectiva de um ‘eu colectivo’ que é necessário conhecer, respeitar e valorizar. Tanto mais que estamos numa mudança de paradigma em que a globalização e as novas tecnologias nos aproximam cada vez mais, mas no qual se torna imperioso atender ao ‘local’, ou seja, à nossa cultura de base, estabelecendo pontes entre o glocal e o local. Invocando Carneiro (2008, p. 55), “o paradoxo que confronta mudança e permanência está profundamente enraizado na condição humana e nas suas sociedades de pertença”. Estamos, portanto, nesta perspectiva dialógica, entre o que persiste das nossas heranças culturais e o que é novo, surgindo este associado a uma mudança rápida que inclui importantes mudanças nos valores disciplinares.

Nesta perspectivas chama-se à responsabilidade do professor responsável pela mediação curso de danças tradicionais, com destaque a dança de xigubo, para consciencializar nos(nas) seus(suas) alunos(as) para terem em mente que é necessário a existência de valores interculturais para podermos viver em conjunto, isto é, chegarmos a consenso e a um conjunto de valores universalmente respeitados, tais como a tolerância, a solidariedade, a paz, a aceitação e o respeito mútuo.

Falamos, pois, da educação para os valores sociais e humanos, para os quais a dança é uma das áreas privilegiadas, embora, aceitemos, que, no geral, todo o acto educativo é um acto de educação para os valores, no sentido em que o defende Carneiro (2008, p. 61)

todo o acto educativo que se pretenda proporcionador de uma alteração na percepção da realidade ou de uma modificação no Estádio da consciência é uma educação para valores. A simples cognição é insuficiente para operar uma transformação profunda do ser humano, ainda que e possa revelar fértil no plano da paisagem da acção.

Feito isso, os(as) alunos(as) estarão abertos a reflectirem sobre as suas vivências culturais o que contribuirá bastante para a compreensão de alguns factos históricos, mas de igual modo insistir na educação para os valores, nomeadamente do respeito pelas diversas culturas. Nesta ordem de ideias estaríamos a assumir o entendimento de Fleuri (2001), partilhado por Mugime e Leite (2015, p. 12), quando assumem a perspectiva intercultural como “aquela que busca desenvolver a interacção e a reciprocidade entre

grupos diferentes, enquanto factor de crescimento cultural e de enriquecimento mútuo”. Mais adiante, as duas autoras salientam que a educação intercultural “está atenta às interações entre culturas e que esta interação confere ao currículo a responsabilidade de formar indivíduos capazes de desenvolverem atitudes de respeito pela cultura de outrem” (Mugime & Leite, 2015, p. 12).

Em consequência, a escola, através do ensino das danças tradicionais, pode contribuir para a formação de indivíduo, proporcionando-lhe a descoberta, na sua cultura, de uma base para a compreensão do seu mundo e o dos outros, ciente de que todas as culturas merecem respeito. Há, pois, no dizer de Morin (2002, p. 99), que “educar para a compreensão humana”. Também destacamos a relevância da educação pela arte, na medida em que ela complementa a formação, vista de forma integral. A riqueza da educação artística centra-se no facto de que ela “engloba várias educações da arte, desde a educação pela arte, com a arte e para a arte” (Eça, 2010, p. 138). Desta forma, o(a) aluno(a) experiencia vivências culturais que lhe permitem uma maior vivência cultural das suas raízes, uma maior consciência das culturas daqueles com quem interage, tornando-o assim mais aberto ao ‘outro’.

1.3. O Xigubo

É um desfile guerreiro de origem Zulu em que os homens, adornados de peles e colares, dançam alinhados em fileiras paralelas. Xigubo é uma dança tradicional moçambicana que representa a resistência colonial do país sobretudo na região sul maioritariamente nas regiões de Gaza e Maputo. Esta dança tem a sua base na expressão corporal dos guerreiros que procuravam mostrar a sua força física e os valores da sociedade.

A origem do nome da dança vem da imitação dos sons dos tambores de tom baixo: gu...bo! gu...bo! mais o prefixo ronga ‘xi’. A colonização europeia, no século XIX, de acordo com Mate (2018, p.9), “abalou não só a hegemonia política dos chefes africanos, como também as práticas culturais indígenas, muito particularmente as danças tradicionais de natureza guerreira”. Como é sabido, a política colonialista não só desconsiderou as culturas locais como coloca a cultura europeia numa posição ‘civilizadora’. Deste modo, e na senda do mesmo autor, destacamos que foi produzida legislação no sentido de proibir as práticas culturais locais e, dessa forma, “em particular

no sul de Moçambique, identificaram aquelas práticas culturais que era preciso de forma urgente banir, ou seja, proibir a sua contínua prática, nomeadamente, Xigubo, N'qai, Ndlhama e Ngalanga.” (Mate, 2018, p. 13). Estas danças, para além do seu carácter simbólico e ritual, assumiam também um carácter militar e guerreiro, tornando-se em demonstrações de técnicas de combate conducentes à vitória militar, assumindo, portanto, um pendor político.

Considerando o interesse histórico-cultural desta manifestação da arte da região, importa reforçar o seu conhecimento e prática por forma a preservar as danças tradicionais que estão em via de extinção. A Escola Secundária de Cambine, entre os Cursos de Curta Duração planificados, introduziu o curso de danças tradicionais, que contempla o ensino de Xigubo, propondo a sua implementação, com vista a desenvolver nos seus alunos as competências do *saber fazer* e, também, com vista a valorizar a coexistência dialógica das diversas etnias que aí se relacionam.



Fig. 5 – Foto de família com o Excelentíssimo Senhor Administrador depois de ocuparmos o primeiro lugar no Festival Distrital de Xigubo.

O projecto da criação deste curso de curta duração muito nos orgulha, enquanto instituição, já que os(as) alunos(as) se têm envolvido(as) de tal modo que com o empenho de todos(as) conseguimos obter o primeiro lugar no Festival Distrital de Xigubo (Fig. 5). Consequentemente a Escola irá representar o Distrito de Morrumbene no Festival provincial de Xigubo com olhos postos para o Festival nacional desta dança que terá lugar nas instalações da escola em referência.

2. METODOLOGIA

O presente estudo apoia-se no método de pesquisa documental, nomeadamente de artigos de cariz científico, revistas informativas bem como de documentação ministerial. Neste método, de acordo com Munhoz (1984), assumido por Simões (2018, p.14) o pesquisador utiliza livros, revistas e documentos, a fim de colher informação sobre o assunto em estudo. É um método de pesquisa que procura trazer, ao pesquisador, instrumentos de trabalho que o orientam na realização de trabalho de análise documental. Ao recorrer à revisão da literatura, o objectivo central é encontrar instrumentos que balizam a nossa análise partindo de documentos que reportam casos de estudos semelhantes. Segundo Gil (1999, p. 10), a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e outros documentos escritos”. A operacionalização de um estudo do caso a curto prazo, como este, prima para buscar o alcance de resultados. De referir que a análise documental e bibliográfica consiste no levantamento e compilação da bibliografia que versa sobre o tema, contribuindo para a formulação do quadro teórico deste estudo. Procedemos ainda à realização de entrevistas semiestruturadas, envolvendo intervenientes seniores na comunidade, o que enriquece o nosso estudo, na medida que podemos ouvir os testemunhos orais, que anteriormente referimos, de quem vivenciou acontecimentos históricos. Para aprofundamento do tema em análise, seguimos também o método da observação directa. A observação directa permite conhecer a realidade da área de estudo. No nosso caso, no dia-a-dia da comunidade estudantil da Escola Secundária de Cambine, em particular junto dos cursantes das danças tradicionais, observamos as suas manifestações culturais, possíveis de apreender a partir da nossa participação, realizada durante os seis meses de formação. Este método é também designado por método de pesquisa do campo, ou seja, um estudo que é feito de maneira directa ou junto das próprias fontes informativas, sem o uso de dados secundários, extraídos de publicações. A pesquisa do campo teve por objectivo a colheita de elementos não disponíveis que ordenados sistematicamente, possibilitam o conhecimento de uma determinada situação, hipóteses ou norma de procedimento. Para o caso concreto deste trabalho, a pertinência do uso desse método é notória, na medida em que a realidade procurada, passa necessariamente pela interacção com o grupo ou pessoas seleccionadas para facultar a investigação. Neste momento, estamos numa fase inicial do processo de investigação, pelo que, ainda temos que avançar para o tratamento de dados de maneira a vir a apresentar resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativamente à nossa abordagem neste artigo, concluímos, então, que a realidade da Escola Secundária de Cambine, desde os primórdios, é caracterizada por manifestação de diversidade cultural com maior enfoque na sala de aulas, por se tratar do local onde se encontram com maior frequência os intervenientes do processo de ensino. Cada interveniente carrega consigo a sua cultura, mas houve a oportunidade de interagir, de vivenciar a coexistência de mais do que uma cultura neste local e entrar em diálogo, por forma a todos enriquecerem mutuamente; daí decorrem as relações de interculturalidade que se manifestam pelas relações que se têm vindo a reforçar entre as diferentes culturas em presença, em interacção real.

Constatamos que, na Escola Secundária de Cambine, a elaboração do PPP ainda é guiada pelas directrizes elaboradas superiormente, sem ter em consideração a diversidade, nomeadamente, as danças tradicionais que coabitam no mesmo espaço geográfico e sem atender ao fenómeno da interculturalidade que favorece o diálogo entre as culturas expressas e vivenciadas, durante a apresentação das danças. Para inverter esta situação, aconselhamos aos elaboradores do PPP à adequá-lo à realidade local e, deste modo, desenvolver estratégias para a valorização das diferenças socioculturais dos grupos humanos, tendo como foco a contribuição do ensino das danças tradicionais, dando assim, destaque à educação artística, importante na formação dos(as) alunos(as), para melhor interpretarem o mundo e conhecerem as suas tradições.

Sublinhamos a importância do envolvimento dos(as) professores(as) de História, de Educação Física e de Educação Visual bem como do responsável pelo curso de curta duração focalizado nas danças, com destaque ao xigubo, para consciencializar nos(nas) seus(suas) alunos(as) a terem em mente que é necessário a existência de valores interculturais, para poderem viver em conjunto. Com essa orientação, cabe-lhes assumir que a interculturalidade, vivida nas suas salas de aulas, pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse caminho, os professores estão a promover, nos/nas seus/suas alunos/as a capacidade de reflectirem sobre as suas vivências culturais, o que contribui bastante para desenvolver as competências do *saber fazer* e para valorizar a coexistência dialógica das diversas etnias que aí se relacionam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carneiro, R. (2008). A Educação Intercultural. *Portugal – Percursos de Interculturalidade*. (Vol. IV, cap. III.). Disponível em:

https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/4_PI_Cap3.pdf

Candau, V. M., Simão, A. M. N. & Koff, A. M. (2006). Conversas com ... sobre a didáctica e a perspectiva multi/intercultural. *Educação e Sociedade*, 27(95), 471-493. doi:10.1590/S0101-73302006000200008

Eça, T. T. (2010). A Educação Artística e as Prioridades Educativas do Início do Século XXI. *Revista IBEROAMERICANA de Educación*, 52, 127-146.

Escola Secundária de Cambine. (2014). *Projecto Político Pedagógico 2015-2019*. Cambine: ESC.

Farré, A. (2008). Vínculos de sangue e estruturas de papel: ritos e território na História de Quême. *Análise Social*, (187), 393-418. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732008000200009&lng=es&tlng=pt.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa: Pesquisa Social*. (2ª ed.). São Paulo: Alta Editora.

INDE. (2007). *Plano Curricular do Ensino Secundário Geral (PCESEG)*. Documento Orientador, Objectivos, Políticas, Estrutura, Plano de Estudos e Estratégias de Implementação. Maputo: MINEC.

Maria, A. L. (2012). *Perspectiva pedagógico-didáctica da História, O Caso dos Cursos de Educação de Adultos Secundário*. Santiago de Compostela: USC.

Mate, X. (2018). O Colonialismo e o Destino das Danças Tradicionais Guerreiras em Moçambique. In Fenhane, J. & Munhequete, A. (dir.), *Embondeiro: Análises e Descrições*. Maputo: ARPAC – Instituto de Investigação Sócio-cultural.

Morin, E. (2002). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.

Mugime, S. M., & Leite, C. (2015). A atenção às multiculturalidades nas políticas educacionais em Moçambique. *Revista Brasileiro de Educação de Jovens e Adultos*, 3(5), 76-98.

Prats Cuevas, J. (2016). Combates por la Historia en Educación. *Enseñanza de las Ciencias Sociale*, 15, 145-153.

Simões, V. (2018). *O Impacto do Investimento Descentralizado para o Desenvolvimento Sustentável Económico Local: O Caso do Distrito de Morrumbene na Província de Inhambane entre 2006-2011*. Maputo: UP.